

Enquanto forma de consciência de uma natureza revelatória, o conceito *hierophanies* resulta da junção das palavras gregas *hieros* (sagrado) e *phainein* (trazer à luz), designando a enigmática manifestação daquilo que não pertence ao nosso mundo em objectos que fazem parte dele. Formulado pelo filósofo e historiador das religiões Mircea Eliade (1949), a hierofania opera através de um paradoxo: ao expressar a presença do sagrado num objecto comum da natureza, este torna-se outra coisa sem deixar de ser ele mesmo.

Tendo por base as complexidades que envolvem o encontro com as imagens do sagrado e do sobrenatural, e a reorganização política e emocional dos olhares perante elas, a exposição *Hierophanies* é constituída por uma série de obras em que estruturas mágicas, místicas e espirituais se relacionam com modos de resiliência e de empoderamento face a certas crises ecológicas e sociais. O projecto baseia-se em dinâmicas da “micro-história” ao apresentar obras que dão voz a comunidades que vivem nas margens, ao mesmo tempo que reflecte sobre construções da “macro-história” – problematizando definições dualistas entre humano e não-humano, ciência e espiritualidade, razão e mito, erudito e popular. Ordenando-se entre a manifestação mística do visível e as suas expressões plurais de significação, a configuração espacial de *Hierophanies* assoma como uma espécie de câmara – um local interior e cerrado, que é ao mesmo tempo um lugar de intimidade e de reunião comunitária, desenvolvendo um exercício de subversão baseado na obscuridade da noite para quebrar a ordem do tempo e romper leituras instituídas do social, do político e do histórico.

A exposição terá um programa paralelo composto por duas sessões de cinema no Centro de Arte Oliva, a acontecerem nos dias 9 e 16 de Março 2024, com obras de Lemohang Jeremiah Mosese, Maya Deren, Kidlat Tahimik, Colectivo Los Ingrávidos e Chick Strand. Mais informação em breve.

— Sara Castelo Branco

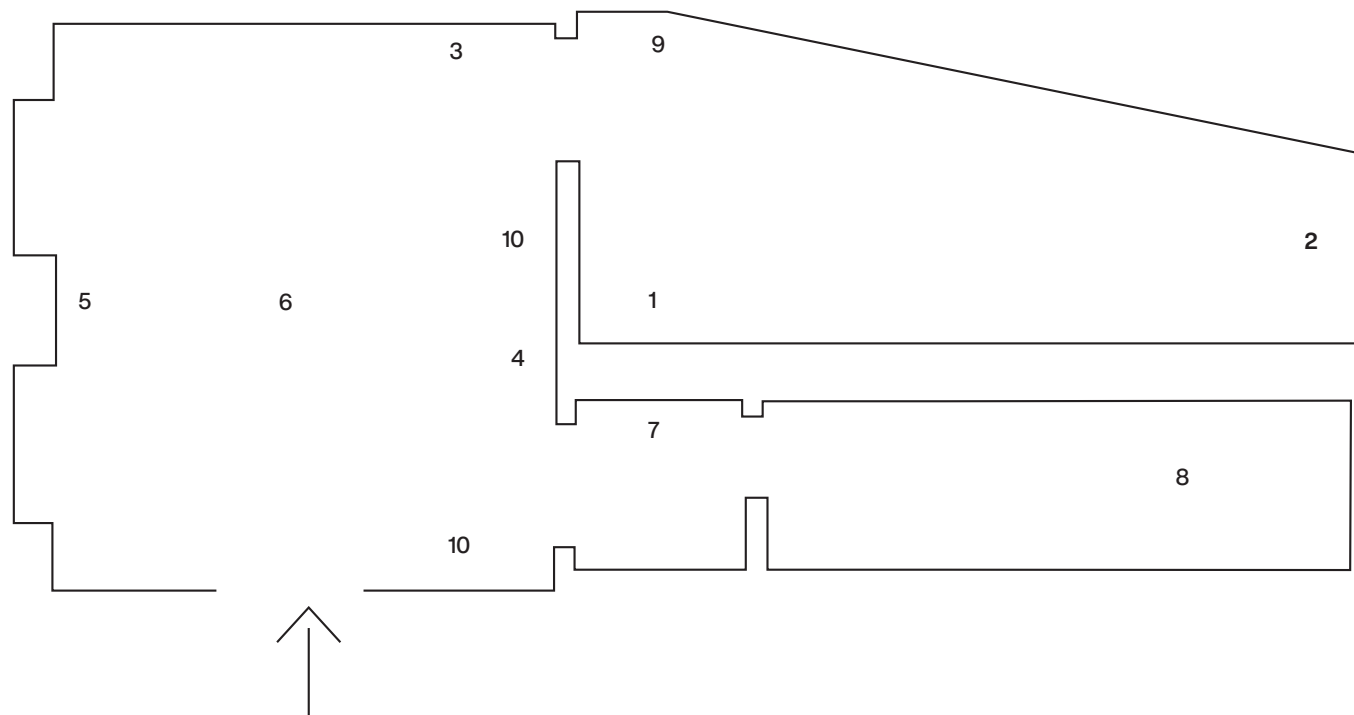
Com *Hierophanies* dá-se uma amplificação do entendimento do espaço da galeria. Por detrás de uma cortina encontra-se agora um lugar de abertura aos intrincados fenómenos relacionados com a ideia do sagrado, que se questiona sobre a sua pertinência e manifestação nos dias de hoje.

Mircea Eliade termina *Profano e Sagrado* afirmando: “param aqui as considerações do historiador das religiões. É aqui também que principia a problemática própria ao filósofo, ao psicólogo, até mesmo ao teólogo.” Mais de sessenta anos depois deste texto clássico, parece-nos oportuno avançar com a possibilidade de somar a esta lista a figura do artista. Reconhece-se ao artista a capacidade de gerar realidades ambivalentes e objetos que tratam da simbolização e do ritual, num velar ou desvelar daquilo que nos é desconhecido.

— Brotéria

curadoria
Sara Castelo Branco

organização
Brotéria



1
 RIAR RIZALDI
Ghost Like Us
 2020
 Vídeo HD, cor, preto-e-branco, som estéreo,
 loop, 20'

Em *Ghost Like Us*, Riar Rizaldi examina a trajetória dos filmes de terror indonésios, desde as suas raízes como propaganda ao serviço do regime autoritário da Nova Ordem, até à sua utilização como tática subversiva das populações rurais face à estrutura cinematográfica comercial e à política dominante. A obra procura igualmente explorar uma reflexão poética sobre o horror, a ideologia, a evolução do cinema e o pensamento cinematográfico na compreensão do panorama atual da tecnologia mediática na Indonésia e na Ásia. *Ghost Like Us* foi escrito, realizado e editado por Riar Rizaldi. Agradecimento especial a May Adadol Ingawanij e Kevin B. Lee. Comissariado por Asian Film Archive, 2020.

2
 LOUIS HENDERSON
Lettres du Voyant
 2013
 Vídeo HD, cor, som, loop, 40'

“Recuperar o ouro que nos foi roubado – este é o objeto das nossas ações”. *Lettres du Voyant* é um documentário-ficção sobre o espiritismo e a tecnologia no Gana contemporâneo que aborda uma prática misteriosa chamada «Sakawa» – magia vudu misturada com fraudes realizadas na Internet. Remontando a diversas histórias de

golpistas dos tempos da independência do Gana, o filme propõe pensar a Sakawa como uma forma de resistência anti-neocolonial. O filme assume a forma de uma viagem através de uma rede de minas digitalizadas que conduzem o espectador a cada uma das locações do filme: uma mina de ouro, um depósito de lixo electrónico, um ritual de vudu ou uma discoteca. Uma personagem lê uma série de cartas que escreveu ao autor do filme — cartas que falam sobre a história colonial do Gana, do ouro e da tecnologia.

Cortesia de Louis Henderson e Le Fresnoy — studio national des arts contemporains.
 (nota sobre a peça)

Esta obra pode conter imagens sensíveis. Recomendamos evitar a sua visualização se preferir não ser exposto a esse conteúdo.

Cortesia do artista e Le Fresnoy — studio national des arts contemporains

3
 MARIA LOBODA
Zero Dynasty II
 2017
 Impressão jato de tinta em papel algodão, contra-colado em PVC / Inkjet print on fineart paper, mounted in PVC
 60 x 85 cm

Esta obra integra-se na série *Zero Dynasty* constituída por um conjunto de imagens intervencionadas pela artista que revelam ‘close-ups’ do trabalho de conservadores de arte em museus. As imagens são reproduções de um luxuoso catálogo de arte sobre a Dinastia Zero do Egipto, a

dinastia que precedeu tudo, produzido pelo British Museum. Loboda preza o que chama de “ternura da conservação”: ao descrever os seus trabalhos como “pequenos desajustados”, a artista procura introduzir uma crítica subtil ao cânone da história da arte. Nesta obra, Loboda prossegue as suas explorações artísticas acerca de conceitos arcaicos pertencentes a diversos sistemas de crenças, ideias transcendentais da alma humana e as suas manifestações em objetos misteriosos, na arqueologia, na arquitetura, na religião e na arte.

Cortesia da artista e Galeria Maisterravalbuena

4
 HARUN FAROCKI
Transmission
 2007
 Vídeo, cor, som, loop, 43'

Transmission mostra a adoração de diversos monumentos mundiais sagrados ou ligados a acontecimentos traumáticos, que se transformaram em metas para peregrinos e turistas, seja por estarem ligados a uma memória pessoal, à iluminação espiritual ou ao sentimento religioso. Milhares de pessoas visitam estes monumentos diariamente, tocam nas letras e nos nomes de familiares e de amigos na tentativa de estabelecerem um vínculo entre as suas vidas e o passado. A pedra é aqui o material no qual a memória coletiva ou de um acontecimento do passado é imortalizada e torna-se objeto de culto.

5
HUGO DE ALMEIDA PINHO
Unconquered Sun
2024
Tecido blackout de algodão bordado a linha de seda
840 × 270 cm

Unconquered Sun (2024) apresenta um conjunto de iconografias do sol que foram apropriadas por bandeiras ligadas a diversos contextos políticos e sociais. Como o sol inti ou sol de mayo da Argentina, o sol zia do New México ou o sol vergina da Macedónia do Norte, estas simbologias remetem a divindades, mitos e alquimias que foram apropriadas como símbolos visuais representativos de estados soberanos, organizações, sociedades ou comunidades, e cujo conteúdo representa as suas convicções, lutas e esperanças. Sendo um bordado que evoca o carácter desta técnica ligada tradicionalmente à religiosidade, este contexto é também enfatizado pelas várias frases de autores que remetem a uma mesma realização simbólica do sol. Problematizando o uso iconográfico destes signos solares, firmados como símbolos de poder, esta obra trabalha uma relação entre a aparência e a realidade, o visível e o seu significado, o singular e o comum.

Referências das frases presentes na obra:

“Which way will the sunflower turn surrounded by millions of suns?”
— Allen Ginsberg, 1957

“É noite e há Sol no lugar da Lua.”
— Maria Gabriela Llansol, 1977

“Por más que mires hacia el sol / la mitad de tu vida pasarás en sombra.”
— José Juan Tablada, 1935

6
HUGO DE ALMEIDA PINHO
Facing Sun
2024
Cinco esculturas, formação rochosa de granito com elevado grau de silicatos, tubo de latão, chapa de latão cortada a laser, chapa de chumbo
60 × 40 × 170 cm

O grupo de esculturas *Facing Sun* (2024) reúne um conjunto plural de simbologias e iconografias que convocam uma ancestral e contemporânea subordinação das sociedades perante o sol. Estas esculturas reproduzem uma planta heliotrópica, inscrevendo elementos vindos de diferentes geografias e temporalidades, que remetem a leituras heliocêntricas e heliotrópicas que encorajam a um pensamento crítico acerca das complexidades ecológicas da tecnologia, do capitalismo solar, de processos de marginalidade e de apropriação, ou da resiliência social enquanto forma de culto.

7
HUGO DE ALMEIDA PINHO
Secret of Secrets
2024
Latão cortado a laser, motor de rotação lenta (4h)
26 × 24 cm

8
ONYEKA IGWE
Specialized Technique
2018
HD vídeo, preto-e-branco, som, loop, 6'57”

William Sellers e a Colonial Film Unit desenvolveram uma estrutura para o cinema colonial, que incluía edições lentas, sem truques e com movimentos mínimos de câmara. Centenas de filmes foram criados de acordo com este conjunto de regras. No esforço de recuperar a dança negra deste projeto colonial, *Specialized Technique* tenta transformar esse material de espetáculo estudado em vivência.

9
DIANA POLICARPO
GIFT X (Key-Money)
2020
Ferro lacado
50 × 26 × 7.5 cm

GIFT VIII (Shovel-Money)
2020
Ferro lacado
52 × 22 × 7.5 cm

GIFT VI (Knife-Money)
2020
Ferro lacado (díptico)
58 × 52 × 7.5 cm

GIFT V (Cowrie-Money)
2020
Ferro lacado
52 × 37 × 7.5 cm

GIFT III (Copper Stick)
2020
Ferro lacado
55 × 40 × 7.5 cm

Este conjunto de esculturas de metal, quase desenhos, são simplificações das formas originais referentes a um conjunto de artefactos utilizados em cerimónias potlatch ou como moeda de troca por comunidades indígenas dos territórios americanos do norte (cerimónias de distribuição de propriedade e oferendas para afirmar ou reafirmar o estatuto social, que Marcel Mauss classificou como ‘prestações totais do tipo agonístico’). Estas esculturas em metal ocupam o espaço [propõe] uma espécie de novo alfabeto de formas, recordando-nos o sentido da oferta, da troca e as suas implicações no tecido social, os consecutivos processos de valorização e desvalorização a que os bens estão sujeitos e a sua desvirtuação ao longo dos processos históricos de colonização e descolonização (Ana Anacleto).

Cortesia da artista e Galeria Lehmann + Silva

10
ANDREIA SANTANA
Sleeves
2020
Duas peças, ferro cortado a laser e tinta
160 × 55 cm (cada)

Sleeves denomina peças que reproduzem luvas metálicas que remetem a sistemas arquivísticos de identificação, documentação, triagem e uso de artefactos. As luvas enquanto objeto artístico, fundidas na parede, parecem congeladas no momento em que dançam à nossa frente. Como o carteirista, afastam engenhosamente a nossa atenção de forma a poderem executar o roubo. Assim como no filme *Pickpocket* de Robert Bresson, existe um comentário sociopolítico inerente ao acto de roubar, mas também à nossa condição como aquele que vê. No acto de roubar está sempre implícito num determinado tipo de olhar interessado. Vemos de forma interessada utilizando aquilo que observamos como instrumentos para organizar as nossas ideias como acto de retaliação e luta que permite novas e paralelas historiografias – enquanto acção contra o sistema social e económico vigente.

Cortesia da artista, UNA Galleria e Galeria Filomena Soares

HIEROPHANIES

Andreia Santana
Diana Policarpo
Harun Farocki
Hugo de Almeida Pinho
Louis Henderson
Maria Loboda
Onyeka Igwe
Riar Rizaldi

15.02
— 01.04.24

As a form of consciousness of a revelatory nature, the concept of *hierophanies* results from the combination of the greek words *hieros* (sacred) and *phainein* (to bring to light), signifying the enigmatic manifestation of that which does not belong to our world in objects that are part of it. Formulated by the philosopher and historian of religions Mircea Eliade (1949), the hierophany operates through a paradox: by expressing the presence of the sacred in a common object of nature, it becomes something else without ceasing to be itself.

Based on the complexities involved in encountering images of the sacred and the supernatural, as well as the political and emotional reorganization of perspectives towards them, the exhibition *Hierophanies* consists of a series of works in which magical, mystical, and spiritual structures relate to modes of resilience and empowerment in the face of certain ecological and social crises. The project is grounded in the dynamics of “micro-history” by presenting works that give voice to communities living on the margins, while also reflecting on constructions of “macro-history” — problematizing dualistic definitions between human and non-human, science and spirituality, reason and myth, scholarly and popular. Organizing itself between the mystical manifestation of the visible and its plural expressions of meaning, the spatial configuration of *Hierophanies* emerges as a kind of chamber – an interior and enclosed space that is simultaneously a place of intimacy and community gathering, engaging in an exercise of subversion based on the darkness of the night to disrupt the order of time and challenge established readings of the social, political, and historical.

The exhibition will have a parallel program consisting of two film sessions at the Oliva Art Center, taking place on March 9th and 16th, 2024, featuring works by Lemohang Jeremiah Mosese, Maya Deren, Kidlat Tahimik, Colectivo Los Ingrávidos, and Chick Strand. More information coming soon.

— Sara Castelo Branco

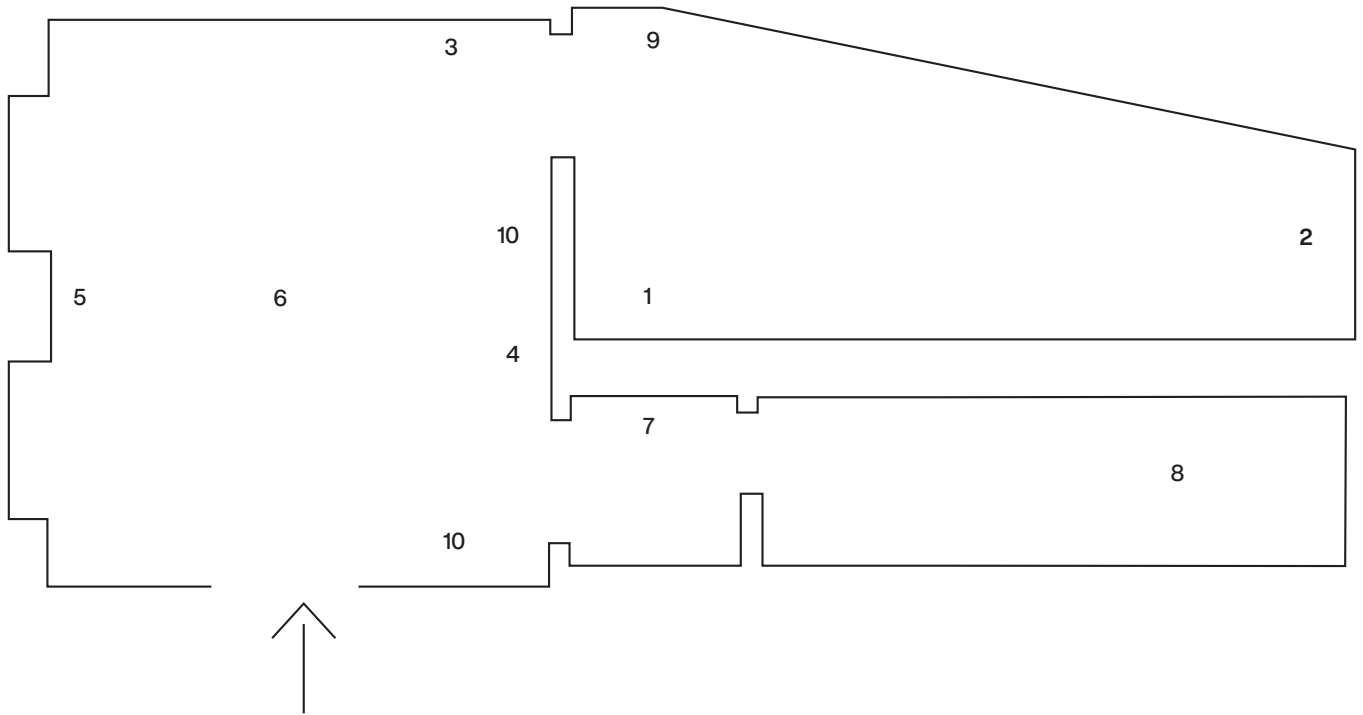
With *Hierophanies*, there occurs an amplification of the understanding of the gallery space. Behind a curtain now lies a space opening up to intricate phenomena related to the idea of the sacred, questioning its relevance and manifestation in today’s world. Mircea Eliade concludes *The Sacred and the Profane* by stating: “here end the considerations of the historian of religions. Here also begins the problems proper to the philosopher, the psychologist, and even the theologian.” Over sixty years after this classic text, it seems fitting to consider adding the artist to the list. The artist is recognized for the ability to generate ambivalent realities and objects that deal with symbolization and ritual, veiling or unveiling that which is unknown to us.

— Brotéria

curated by
Sara Castelo Branco

organization
Brotéria

address
Rua São Pedro de
Alcântara 3, Lisboa
mon to sat
10am—18pm
artwork inquiries
galeria@broteria.org



1
RIAR RIZALDI
Ghost Like Us
 2020
 HD video, colour, b&w, stereo sound, loop, 20'
 Through *Ghost Like Us*, Riar Rizaldi examines the trajectory of Indonesian horror films, from its roots as propaganda in service of the authoritarian New Order regime, to a subversive tactic that repositions rural filmmakers and audiences beyond the dominant framework of mainstream theatrical release. In addition, it seeks to explore a poetic reflection of horror, ideology, the evolution of cinema, and cinematic-thinking in understanding the current landscape of media technology in Indonesia and Asia.
Ghost Like Us is written, directed, and edited by Riar Rizaldi. Special thanks to May Adadol Ingawanij & Kevin B. Lee Commissioned by Asian Film Archive, 2020.

2
LOUIS HENDERSON
Lettres du Voyant
 2013
 HD video, colour, sound, loop, 40'
 «To take back the gold that was stolen from us – this is the object of our actions.» *Lettres du Voyant* is a documentary-fiction regarding spiritism and technology in contemporary Ghana that attempts to uncover some truths about a mysterious practice called “Sakawa” — internet scams mixed with voodoo magic. Tracing back the scammers’ stories to the times of Ghanaian independence, the film proposes Sakawa as a form of anti-neo-colonial resistance. The film takes the form of a voyage through a network of digitised mine

shafts that lead the viewer to each of the film’s locations; a gold mine, an e-waste dump, a voodoo ritual or a discotheque for example. A character recounts a story by reading a series of letters that he has written to the film’s author — letters that speak about the colonial history of Ghana, of gold, of technology.
 This work may contain sensitive images. We recommend avoiding viewing it if you prefer not to be exposed to this content.
 Courtesy of the artist and Le Fresnoy — studio national des arts contemporains.

3
MARIA LOBODA
Zero Dynasty II
 2017
 Inkjet print on fineart paper, mounted in PVC
 60 × 85 cm
 This work is part of a series *Zero Dynasty* constituted by images that reveal ‘close-ups’ of the work of art conservators in museums. The images are reproductions of a luxurious art catalogue on Egypt’s Dynasty Zero, produced by the British Museum. Loboda values what she calls the “tenderness of conservation”: by describing her works as “little misfits”, the artist seeks to introduce a subtle critique to the canon of art history. In this work, Loboda continues her artistic explorations into archaic concepts from different belief systems, transcendental ideas of the human soul and their manifestations in mysterious objects, archaeology, architecture, religion and art.
 Courtesy of the artist and Galeria Maisterravalbuena

4
HARUN FAROCKI
Transmission
 2007
 Video, colour, sound, loop, 43'
Transmission examines the pull and adoration of monuments scattered all over the world that have become goals for pilgrims and tourists and now serve to meet a whole range of different needs, from personal memory to spiritual enlightenment and religious sentiment. Stone is the material in which the collective memory of a life or an event in the past is immortalized and becomes an object of worship. At the same time, the memory of thousands of visitors is preserved in the traces of wear it displays.

5
HUGO DE ALMEIDA PINHO
Unconquered Sun
 2024
 Blackout cotton fabric embroidered with silk thread
 840 × 270 cm
Unconquered Sun (2024) presents a group of iconographies of the sun that was appropriated by flags linked to different social and political contexts. Like the inti sun or sol de mayo of Argentina, the zia sun of New Mexico or the vergina sun of North Macedonia, these symbols refer to deities, myths and alchemies that were appropriated as visual symbols representing sovereign states, organizations, societies or communities, and whose content represents their convictions, struggles and hopes. As a form of embroidery that evokes the character of this technique traditionally linked

to religiosity, this context is also emphasized by the various phrases by several authors that refer to a same symbolic apprehension of the sun. Problematizing the iconographic use of these solar signs, established as symbols of power, this work addresses the relationship between appearance and reality, the visible and its meaning, the singular and the common.

References of the phrases present in the work:

“Which way will the sunflower turn surrounded by millions of suns?”

Allen Ginsberg, 1957

“É noite e há Sol no lugar da Lua.”

Maria Gabriela Llansol, 1977

“Por más que mires hacia el sol / la mitad de tu vida pasarás en sombra.”

José Juan Tablada, 1935

6

HUGO DE ALMEIDA PINHO

Facing Sun

2024

Five sculptures, granite rock formation with a high degree of silicates, brass tube, laser-cut brass sheet, lead sheet
60 × 40 × 170 cm

Facing Sun (2024) presents a plural set of symbols and iconography that invokes an ancestral and contemporary subordination of societies in the face of sun. These sculptures reproduce a heliotropic plant, inscribing elements from different geographies and temporalities, which refer to heliocentric and heliotropic readings that encourage critical thinking about the ecological complexities of technology, solar capitalism, processes of marginality and appropriation, or the social resilience as a form of worship.

7

HUGO DE ALMEIDA PINHO

Secret of Secrets

2024

Laser cut brass, slow rotation motor (4h)

26 × 24 cm

8

ONYEKA IGWE

Specialized Technique

2018

HD video, b&w, sound, loop, 6'57”

William Sellers and the Colonial Film Unit developed a framework for colonial cinema; this included slow edits, no camera tricks and minimal camera movement. Hundreds of films were created in accordance with this rule set. In an effort to recover black dance from this colonial project, *Specialized Technique*, attempts to transform this material from studied spectacle to livingness.

9

DIANA POLICARPO

GIFT X (Key-Money)

2020

Lacquered iron

50 × 26 × 7.5 cm

GIFT VIII (Shovel-Money)

2020

Lacquered iron

52 × 22 × 7.5 cm

GIFT VI (Knife-Money)

2020

Lacquered iron

58 × 52 × 7.5 cm

GIFT V (Cowrie-Money)

2020

Lacquered iron

52 × 37 × 7.5 cm

GIFT III (Copper Stick)

2020

Lacquered iron

55 × 40 × 7.5 cm

This group of metal sculptures, almost drawings, simplifications of the original forms referring to a set of artefacts used in potlatch ceremonies or as currency by indigenous communities from the North American territories (ceremonies for the distribution of property and gifts to affirm or reaffirm one's social status, which Marcel Mauss classified as 'total services of an agonistic type'). These metal sculptures are a kind of new alphabet of forms, reminding us of the meaning of the gift or the exchange and its implications in the social fabric, the consecutive processes of an appreciation and a depreciation in value to which these goods are subject and their distortion during the historical processes of colonisation and decolonisation (Ana Anacleto).

Courtesy of the artist and Galeria Lehmann+ Silva.

10

ANDREIA SANTANA

Sleeves

2020

Two pieces, laser cut iron and paint

160 × 55 cm (cada / each) *Sleeves* reproduce metallic gloves that refer to archival systems of identification, documentation, sorting and use of artefacts. The gloves as an artistic object, melted into the wall, seem frozen in the moment they dance in front of us. Like the pickpocket, they ingeniously divert our attention so that they can carry out the robbery. Just as in Robert Bresson's film *Pickpocket*, there is a socio-political commentary inherent to the act of stealing, but also to our condition as the one who sees. The act of stealing is always implicit in a certain type of interested look. We look with interest to what we observe as instruments to organize our ideas as an act of retaliation and struggle that allows for new and parallel historiography – as an action against the current social and economic system.

Courtesy of the artist, UNA Galleria and Galeria Filomena Soares

Brotéria

2024

curadoria *curated by*: Sara Castelo Branco

organização *organized by*: Brotéria

Cenografia e design expositivo

Scenography and exhibition design: Sara Castelo Branco,
Hugo de Almeida Pinho e Brotéria.

Agradecimentos *thanks to*:

aos artistas *the artists*; Brotéria, João Sarmento e Catarina Ricciardi;
Andreia Magalhães e Centro de Arte Oliva; Antje Ehmman; Branca Pinho,
Elza e Iolanda; Galeria Maisterravalbuena; Galeria Lehmann + Silva; Galerias
Municipais de Lisboa; João Daniel Chaves – Balaclava Noir; Kami Studio

morada *address*: Rua São Pedro de Alcântara 3, Lisboa

seg a sáb *mon to sat*: 10h — 18h

parceiros *partners*



LISBOA
CÂMARA MUNICIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

Centro
de Arte
Oliva

apoio *supported by*

FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP